

Um país de clientes, emigrantes e mais pobre

A compaixão foi derrotada pela “inevitabilidade” tecnocrática. Vigora uma justiça que opõe jovens e velhos. São tempos de “servidão voluntária”. Opiniões de uma visão crítica de Portugal

Nuno Ribeiro

Três anos de intervenção da *troika* mudaram a realidade. O balanço de diversas personalidades revela os resultados. Portugal é um país de clientes, de emigrantes e mais pobre. “Na administração pública, os cidadãos passaram a ser clientes, numa lógica transaccional, quando a nossa relação com o Estado é de cidadãos”, observa António Bagão Félix, ministro da Segurança Social e do Trabalho de Duão Barroso. A alteração vai num só sentido. “Enquanto se chama cliente a quem recorre aos serviços públicos, continua-se a chamar contribuinte a quem paga impostos, pela mesma lógica este último devia ser apelidado de accionista do Estado”, ironiza.

A mudança é também anotada por Raquel Freire do “Movimento 12 de Março”. “É fácil utilizar a austeridade para transformar os cidadãos em consumidores”, garante. “Com as privatizações na Saúde e Educação, o bem público está no mercado e o cidadão passa a consumidor, portanto tem de ser solvente”, refere Boaventura Sousa Santos, director do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. “O consumidor é o que resta quando não há direitos”, diz.

“Consolidou-se a ideia de que os mercados decidem tudo, o que gerou impotência na decisão”, sublinha José Pacheco Pereira. Com repercussão na política: “O debate empobrece, é o mais perigoso para o Estado democrático, porque empurra os cidadãos para os extremos e cria anemia ao centro.” Uma situação que Bagão Félix corrobora: “Como a política é submergida na restrição financeira e económica há muito mais dificuldade em distinguir os partidos que podem governar, que acabam por se distinguir mais pelos intérpretes do que pelas ideias”. Sousa Santos destaca: “Estes três anos foram demolidores para a credibilidade da política, os políticos representavam os interesses dos cidadãos que os elegeram mas, a partir da *troika*, es-



“Consolidou-se a ideia de que os mercados decidem tudo”, diz José Pacheco Pereira

tão às ordens da tutela estrangeira”.

Pacheco Pereira anota outro aspecto: “Há uma ambiguidade, há uma evolução de uma *troika* desejada para uma indesejável, mas o que fica é a ideia de perda de soberania.” Reforçada por um ritual: “O aparato da chegada, das reuniões, das passagens pelos corredores, tudo dá a ideia de perda de soberania.” E deixa um aviso para o período que hoje, 17 de Maio, se inicia: “Vivemos um bloqueio com uma componente ficcional de que vai haver alteração com a saída da *troika*, mas depois é a vez do pacto orçamental.”

A experiência do “Movimento 12 de Março” reforça a ideia de afastamento. “Reunimos mais de três mil medidas que entregámos no Parlamento, passado um ano apenas dois deputados pediram para ver e só um viu mais de uma vez”, relata Raquel Freire: “Os deputados não estão interessados no que queremos, houve deslusão, quebra do contrato social, a democracia foi baixando de intensi-

dade.” Outra alteração significativa. “Passámos da imigração para a emigração com a perda de jovens quadros e com trabalho sem direitos”, destaca Boaventura Sousa Santos. “É uma drenagem de cérebros”, assinala Bagão Félix. Contudo, o antigo ministro admite um factor positivo: “Hoje há consciência de que o rumo tinha de ser alterado, acabou o primado da ilusão, até na estrutura empresarial nota-se que os empresários são mais dinâmicos e menos paroquiais.” E assinala respostas inovadoras: “O aparecimento de organizações representativas de interesses específicos, como os reformados.”

Maria do Rosário Gama, da APRE! [Associação de Aposentados, Pensionistas e Reformados] revela que por mês há 130 novas inscrições. A APRE! mantém o objectivo de ser reconhecida como parceiro social e tem agenda. “O anunciado plafonamento das pensões leva à privatização do sistema e à diminuição das receitas, quando o problema da

sustentabilidade da Segurança Social tem a ver com a redução de activos”, descreve Rosário Gama.

Os reformados consideram-se um dos alvos do Governo. “Foi posto em causa o colchão social de apoio aos filhos e aos netos, a rede familiar”, frisa a presidente da APRE!. Uma situação que Pacheco Pereira enquadra: “Os argumentos sociais foram esmagados e deram origem a um conjunto de subprodutos ideológicos, como a ideia de justiça geracional, ou seja, que as gerações presentes têm de se sacrificar para o futuro, enquanto a democracia faz-se para o presente.” Na expressão de Bagão Félix, a fragmentação geracional é um dos aspectos mais negativos: “Vive-se um certo mal-estar entre as gerações, umas porque nasceram de menos, outras por viverem de mais, esqueceu-se a compaixão, foi o triunfo da aridez tecnocrática.”

Maria Filomena Molder, catedrática de Filosofia, recorda um filme de propaganda nazi que apresentava o

campo de reeducação de Theresienstadt como casa de hóspedes: “Uma fábula tremendamente enganadora.” Um engano que compara ao da propaganda do bom aluno e obediente: “Os tempos, infelizmente, estão para isto, para a servidão voluntária”.

A intervenção da *troika* levou, ainda, a outro caminho. “Quando entrou para a CEE, Portugal tinha cerca de 50% do rendimento médio da Europa e encetou a via para a convergência”, recorda Boaventura Sousa Santos: “A *troika* estancou e inverteu este processo, Portugal vai continuar a divergir da média europeia.” Pacheco Pereira realça uma consequência: “A tentativa de substituir a sociedade pela economia, o trabalho pelo empreendedorismo, levou a mais desigualdade.”

Bagão Félix valoriza outro aspecto: “A economia não pode prescindir da lei moral, há um distanciamento entre a economia e as regras éticas que só podem ser reguladas pelo exemplo, e há uma erosão da autoridade, pois o exemplo perdeu importância.”

Três anos depois, o léxico político também mudou. “Empreendedor é uma figura individualista”, exemplifica Sousa Santos. Bagão Félix assenta baterias em três palavras – empreendedorismo, inevitabilidade e desalvançar: “Qualquer delas representa o primado da circunstância sobre a essência.” É ao final do século XVIII, às observações de Goethe em Viagem à Itália, que Filomena Molder recorre para abordar as visões apriorísticas da Europa do Norte sobre a meridional. Então, Goethe destruiu os estereótipos sobre os latinos. “Não devemos deixar cair sobre o que nos diz respeito e que amamos um manto de silêncio”, alerta a catedrática. “Apesar de já terem decretado por várias vezes a sua morte, a História continua por escrever”, garante com optimismo João Camargo, que integra “Que se lixe a *troika*”. Já Pacheco Pereira destaca: “A História é surpresa, por isso não agrada.”



Leia a versão na íntegra em www.publico.pt



**| Um país de clientes,
emigrantes e mais pobre.
Como será a governação?**